

# REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO BAIRRO SÃO JOSÉ EM PARINTINS-AM.

Crizan Graça de Souza<sup>1</sup>  
Tatiana da Rocha Barbosa<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente estudo foi à tentativa de identificar as características do espaço urbano de Parintins a partir de um fragmento que a compõe, o bairro São José Operário. A finalidade de elaborar reflexões teóricas sobre a produção do espaço urbano de Parintins tendo a área de estudo como base. O bairro em questão configura-se como um dos bairros mais tradicionais da cidade e o estudo do tema justifica-se, por ser a tentativa de dialogar entre a (re) produção do espaço e a (re) produção da vida, dando ênfase nas estruturas e formas que constitui o espaço. O principal objetivo foi identificar e caracterizar a produção do espaço urbano, expressos pela fragmentação em que ocorre no bairro de S. José Operário, pelos processos de articulação que estão presentes no Bairro, pelos reflexos através dos dados socioeconômicos dos moradores fornecido a partir do Censo do IBGE (2010) e a visualização dos condicionantes através dos campos de lutas por meio dos movimentos sociais. O trabalho apoiou-se no dialético com intuito de compreender as contradições que o espaço urbano apresenta. Foram feitas observação em lócus para ver, como os processos ocorrem na área delimitada para estudo, em seguida fez-se a caracterização das habitações, instituições e área de serviços. Assim, a pesquisa evidenciou as ações dos agentes que participam na produção deste espaço. Ações estas, dos grupos excluídos, os imobiliários, os fundiários e o Estado. Como principal reflexão, apontamos que o espaço urbano do Bairro São José Operário está sempre em movimento sendo produzido e reproduzido constantemente e, principalmente, que neste fragmento é possível identificar, mesmo que em menor escala, a dinâmica da reprodução do urbano de Parintins.

**Palavras-chaves:** Reflexões teóricas. Produção urbana. Ação dos agentes

---

<sup>1</sup> Acadêmico do oitavo período, licenciando em Geografia no Centro de Estudo Superiores de Parintins (CESP/UEA).

<sup>2</sup> Bacharel, licenciada em Geografia (UFAM), mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM). Professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou identificar as características do espaço urbano afiançadas por Corrêa<sup>3</sup> (2003) mediante a observação, os tipos de habitação, estrutura comercial, áreas de lazer e instituições que fazem parte do bairro São José Operário em Parintins-Am. O principal objetivo deste estudo foi identificar e caracterizar a produção do espaço urbano deste fragmento a partir de uma análise reflexiva, com o intuito de verificar a fragmentação e a articulação desse bairro no espaço urbano de Parintins afim de compreender os condicionantes que permeiam a reprodução das relações sociais que compõe a área de estudo.

A relevância do estudo consiste em poder contribuir para o entendimento de que a cidade está para além do construído, pois ela absorve o percebido e emaranha-se ao vivido dos habitantes que a produzem. Nesse sentido, para a realização da pesquisa, efetuaram-se as caracterizações baseadas no tipo de construções das habitações (alvenaria, madeira, lona, pálete), nos objetivos específicos verificou-se a fragmentação que ocorre no espaço urbano do bairro São José, com o intuito de procurar entender os processos de articulação que estão presentes no bairro São José e se observou os reflexos da sua reprodução através dos dados socioeconômicos dos moradores disponibilizados pelo censo do IBGE (2010).

Para tanto, realizou-se observações em lócus, que foram cristalizadas a partir de imagens fotográficas e cadernetas de campo. Como parte dos procedimentos metodológicos, a pesquisa fez uso dos dados socioeconômicos dos moradores fornecidos pelo IBGE (2010) aqui interpretados e associados a partir da realidade apreendida.

O Bairro aqui retratado foi escolhido para estudo por ser um dos mais tradicionais da cidade de Parintins. Nele está situada, a associação folclórica Boi-bumbá Garantido, sendo que a mesma ajuda a promover nacionalmente e internacionalmente o município.

Com isso as análises sobre as reflexões teóricas do espaço urbano de Parintins, a partir do bairro São José Operário, na qual este está sujeito a processos de (re) organização pelos atores que configuram a paisagem urbana, como é o caso dos promotores imobiliários, meios de produção, os grupos excluídos e o Estado.

É neste contexto social que o estudo se fez de forma significativa sobre a produção do espaço urbano e se vincula a produção e reprodução do homem e de suas condições de vida

---

<sup>3</sup> Os Proprietários dos Meios de Produção, os Proprietários Fundiários, os Promotores Imobiliários, o Estado e os Grupos sociais excluídos.

no urbano e, de forma audaciosa, este estudo visa estabelecer a compreensão da totalidade<sup>4</sup> da área de estudo.

Diante dos pressupostos, as abordagens teóricas que norteou o estudo foram, (CORRÊA, Roberto Lobato), (SANTOS, Milton) e (CARLOS, Ana Fani Alessandri). Sendo, que o artigo é a tentativa de dialogar entre a (re) produção do espaço e a (re) produção da vida, dando ênfase nos processos e formas que constitui o espaço urbano.

## **2. O BAIRRO SÃO JOSÉ OPERÁRIO**

Situado a Oeste da cidade de Parintins o Bairro São José Operário surgiu a partir do crescimento urbano proveniente da construção das fábricas de juta, que ali se instalou no início da década de 1960, o ritmo do crescimento populacional aumentou e o perímetro urbano expandia-se principalmente à Oeste, constituindo assim o referido bairro, com as casas construídas na sua maioria de madeiras e cobertas de palhas.

No final da década de 60 a início de 1970, ainda na parte Oeste, localizava-se o terreno do senhor José Esteves, onde o mesmo loteou e vendeu suas terras, no qual esta propriedade passou a ser denominado bairro Itaguatinga. Tempos depois o Bairro Senador José Esteves foi incorporado ao Bairro São José Operário em detrimento da implantação da igreja de São José nas proximidades do mesmo em virtude do padroeiro contemplar o mesmo nome, somente na gestão do então prefeito Gláucio Gonçalves foi denominado ao Bairro São José Operário.

Sendo que está produção do bairro levam a refletir sobre um conjunto de ações que se apresentara na configuração, como a reprodução do espaço urbano e os problemas que acontecem com a ocupação de forma passiva, pois acabam prejudicando o meio natural e os moradores presentes. O bairro encontra-se com mudanças significativas, (Figura 01), e contam com uma população absoluta de 3.048 habitantes, segundo dados do Censo do IBGE 2010.

---

<sup>4</sup> Segundo Milton Santos, a noção de totalidade é uma das mais fecundas que a filosofia clássica nos legou, constituindo em elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade. Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais c que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes. Pág.74.

# LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

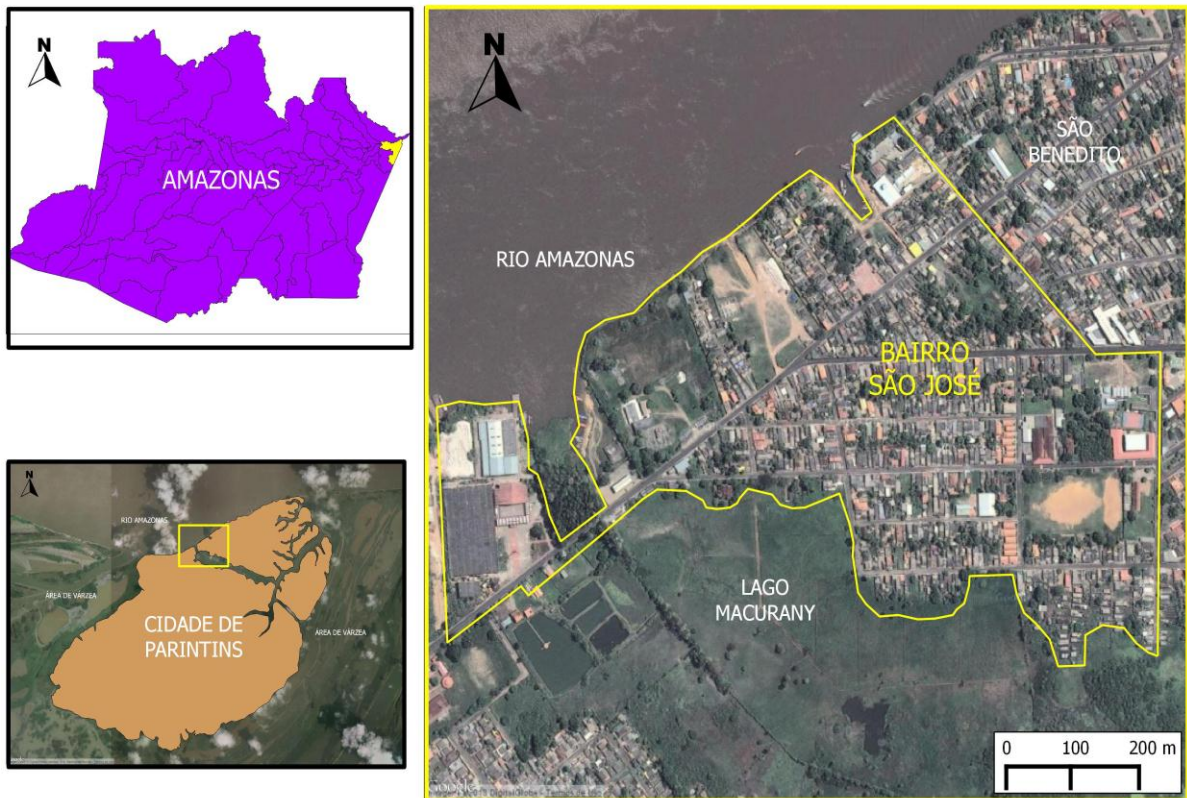


Figura 01: Localização da área de estudo.  
Imagem: Google Earth.

É neste contexto que o Bairro São José Operário se apresenta com um elevado número de residentes morando em condições insalubres, principalmente nos becos<sup>5</sup> que compreende o Bairro na margem do Lago Macurany, pois as habitações que foram construídas são em área alagadiça que durante o período da enchente causa sérios riscos aos moradores, devido o aumento da água que chega muitas vezes a invadir as moradias. Porém, há vários fatores que contribuem para a produção das habitações neste trecho do Bairro o que é evidenciado pelo processo de segregação que ocorre neste espaço para diferenciar a produção do urbano nas residências produzidas em tal localidade.

O processo de apropriação dos espaços pelo homem demonstra sua capacidade de modificar as paisagens naturais causando desequilíbrio do ecossistema de varias espécies que habitam um dado local para que se possa utilizá-lo de inúmeras maneiras a partir de técnicas criadas pelo mesmo, pois muitas vezes usa-se este ambiente de forma inadequada causando prejuízos ambientais e sociais. As propriedades encontradas na área de estudo destinam-se à função do morar, o que caracteriza o desejo e a necessidade de possuírem uma habitação. Para

<sup>5</sup> São vias de acesso estreitas construídas de madeiras ou de camadas asfáltica em determinadas áreas da cidade.

tanto, o estudo possui uma conexão entre os agentes que produzem o espaço urbano num contexto da produção do espaço urbano de Parintins abrangendo a área do Bairro São José na margem esquerda do lago Macurany. (Ver imagem 01).



Foto 01: Visão do Lago ocupado sem infraestrutura.  
Autor: Crizan Graça, Março/ 2013.

Para tanto, as análises deste trabalho norteiam - se no método dialético, com intuito de expressar as contradições existentes no espaço produzido por diferentes agentes que compõem a cidade. Para Konder (2000 p.49) “a dialética passa a trabalhar, frequentemente, com determinações reflexivas”, pois quando há dialogo, a mais de uma ideia, assim aparecem várias concepções e confronto de novas ideias que surgem.

Desta forma Konder (2000 p.39) ressalta que, “a modificação do todo só se realiza, de fato, após um acúmulo de mudanças nas partes que o compõem. Processam-se alterações setoriais, quantitativas, até que se alcança um ponto crítico que assinala a transformação qualitativa da totalidade”. Desta forma o mundo modifica, tudo muda, até a própria história tem outros momentos históricos muda, pois a sociedade está constantemente reinventando e inventados novos arranjos capaz de mudar a ordem social, substituídos por novas coisas que são criadas para satisfazer as que já estão em desuso. Portanto, não tem coisa acabada, mas um complexo de processos e formas que só são estáveis na aparência.

Seguindo uma lógica o mundo material é um processo dialético que está sempre em transformação e é a partir dessas transformações que ocorrem as contradições em função das diferenças existentes nas classes procedidas da produção social.

Desde o início da história da humanidade o espaço era ocupado pelos povos pré-históricos possuía suas características de selvagem, sua necessidade era ainda muito pouca para sobreviver, pois retirava somente o necessário da natureza para sua alimentação eram grupos nômades, pois não possuíam moradia fixa para morar. Em função das mudanças que aconteceram na evolução da sociedade “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidades e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes” (SANTOS, 2008, p. 39). Nota-se que o sistema de objetos apreendido pelo autor é resultado das relações sociais que fica externo ao homem, sendo realizado através do trabalho para constituir uma finalidade destes objetos.

É como diz Santos (2008), que a cidade é caracterizada por uma heterogeneidade de formas, porém está subordinada a um movimento global, ou seja, ela reproduz, através do Estado local o que o sistema capitalista como um todo exige. Ele afirma ainda que “[...] mesmo se o Estado limita suas intervenções ao econômico, o resultado é que os outros níveis da vida social – como saúde, educação, lazer e outros – são organizados pela lei de mercado [...]” (SANTOS, 2008, p. 110).

Com as transformações ocorridas no espaço natural o processo da constituição da sociedade com o passar dos tempos, a ação humana implementou novas formas de sobrevivência para atender suas necessidades básicas do cotidiano que foram de imediato apropriadas. Resultando num processo de produção capitalista na obtenção de lucro e na propriedade privada o que justifica o grande suporte na distribuição em classes que produz os mais diferentes espaços.

Assim, “a noção de produção tem um conteúdo mais amplo que aquele que a economia lhe confere, pois este se vincula à produção do homem e de sua humanidade, às condições de vida da sociedade em sua multiplicidade de aspectos, e como é, por ela, determinada” (CARLOS, 2007, p. 22). Entende-se por esta noção de produção não apenas a produção de produzir mercadorias, mais entender também o plano do habitar, do viver em condições adequadas, o mais importante de tudo é as necessidades que o homem precisa para a reprodução de sua espécie.

O homem ao produzir seus bens materiais e reproduzir a sua própria sociedade, produz o espaço geográfico seguindo uma ótica de suas necessidades, “nesse sentido, o espaço se produz a partir da contradição entre sua produção socializada e apropriação individual” (CARLOS, 2008 p. 22). Está contradição que esta sendo discutida é em volta, da fragmentação e a articulação em relação ao uso do solo urbano do Bairro São José Operário,

que aparecem na divisão que se expressa na paisagem urbana como processo social decorrente do reflexo que condiciona a realidade dos moradores. No entanto, “esta contradição decorre do fato de que todo *pedaço de terra* (grifo do autor) para a reprodução da vida deve ser comprado ou alugado, com a finalidade de construção de moradia” (CARLOS, 2008 p. 22).

É válido ressaltar, que onde as pessoas moram é reflexo de um processo complexo e de maior intensidade de análise, visto que o homem sentiu a necessidade de construir um espaço para viver. É com essa necessidade de ocupar o espaço que o morador busca intensamente um meio de sobreviver seguindo uma ordem real dentro de suas possibilidades financeira, segundo (RODRIGUES, 1991, p. 14) “não se pode morar um dia e no outro não morar”. Sendo que a moradia não é fracionada, para se ter é preciso comprar ou alugar, não se consegue uma moradia por uma hora ou um dia, para consegui-la o mesmo tem que ter o necessário para pagá-la.

### **3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

As observações feitas na área de estudo, nos possibilita estabelecer algumas reflexões quanto a expansão dessa área e como ela está ocupada. Para tanto, como anteriormente mencionado, o estudo estabeleceu a caracterização do bairro mediante as construções (materiais – formas- e vivências - processos) elaboradas tanto pelos grupos excluídos na expansão do perímetro urbano do bairro que reivindicam o direito a cidade<sup>6</sup> quanto pelos produtores imobiliários, bem como os proprietários fundiários e o Estado.

Nesse sentido, constatou-se que a produção do espaço urbano do bairro dá-se principalmente pelos grupos excluídos, fato este, que são inúmeros os problemas estruturais enfrentados pelos moradores da área de estudo principalmente os que estão à margem do lago Macurany e áreas mais baixas do Bairro ao se construir uma habitação, mostrando que, a ação dos agentes no bairro é diferente em vários fatores no que diz respeito às formas e estruturas, como é o caso destas edificações (ver imagem 02).

---

<sup>6</sup> Para Lefebvre no direito a cidade, considera a cidade como obra de certos “agentes” históricos e sociais, isto leva a distinguir a ação e o resultado, o grupo (ou os grupos) e seu “produto”. Seu com isso separá-los. Não há obra sem uma sucessão regulamentada de atos e de ações, de decisões e de condutas, sem mensagens e sem códigos. Pág. 48.





Foto 02: produção de habitações nas áreas baixas do bairro.  
Autor: Crizan Graça, Abril/2013.

Quanto à atuação dos proprietários imobiliários no bairro São José Operário é possível identificar a sua importância, pois a sua ação junto ao Estado, criam concretamente formas, capazes de permitir a continuidade do processo de transformações do embelezamento do bairro. O que acontece é que a terra (solo) do bairro transformar-se em mercadoria no espaço da cidade, nessa condição ele é fragmentado e comercializado em lotes no mercado.

Assim, o embate produzido por estratégias diferenciadas no espaço entre os Bancos e os promotores imobiliários, é diminuído em função de um acordo momentâneo e localizado entre dois segmentos diferenciados e com interesses divergentes da sociedade. O Estado intervém no sentido de eliminar as barreiras ao desenvolvimento continuado do capital, mas não elimina as contradições do processo de reprodução espacial, homogênea como imposição de sua ação e fragmentada pelas estratégias imobiliárias Corrêa, (2003) (ver imagem 03).





Foto 03: produção de habitações pelos agentes imobiliários.  
Autor: Crizan Graça, Maio/ 2013.

A produção do espaço urbano da área de estudo sofre constantes transformações nas suas formas e estruturas. As formas observadas evidenciam um espaço heterogêneo ao mesmo tempo homogêneo, pois na sua formação as habitações eram construídas de madeira e cobertas de palha. Com o crescimento urbano foram sendo substituídas por outros materiais de construção, principalmente as que ficam nas melhores áreas do bairro.

Assim ao ilustrar a produção do Bairro São José Operário, buscou-se por intermédio das estruturas comerciais e instituições que prestam relevante serviço à população desde o seu surgimento, estruturas estas, que ocupam grandes áreas no bairro, proporcionando um consumo e domínio sobre o mesmo, haja vista ser um bairro bastante tradicional de Parintins pelo fato de ser o berço da associação boi- bumbá Garantido. Sendo que a instituição que mais influenciou no Bairro foi à igreja católica, pois a mesma construiu escolas, hospital e a área para construção de sua paróquia, e ajuda de forma indireta nas áreas de risco em que se encontram algumas famílias, (ver imagens).



Foto 04: Hospital Padre Colombo  
Autor: Crizan Graça, Maio/ 2013.



Foto 05: Igreja São José Operário.  
Autor: Crizan Graça, Maio/2013.

Diante do exposto é notável observar que a produção do espaço urbano acontece com uma intencionalidade capaz de agregar vários atributos e significado para quem o produz. Como por exemplos as habitações construídas nos becos a margem do logo Macurany, se configura como alternativa de algumas famílias que não possuem condições para construir uma habitação que tenham um conforto mínimo aos seus residentes, no comércio também há,

uma variedade de especiarias como, as lojas de roupas, distribuidora de atacados, comércio varejista e mercearias.

Percebe-se que as articulações na área de estudo, se manifestam mais especificamente em duas vias de maior concentração em relação ao bairro pesquisado na Rua Ruy Araújo e Av. Nações Unidas, sendo que “estas relações espaciais são de natureza social, tendo como matriz a própria sociedade de classes e seus processos” (CORRÊA, 2003, p. 8). É fruto das relações que integram as mais diversas áreas da cidade, são ações que deixam marcas impressas nas formas do espaço urbano produzido no presente.

Por fim, o espaço urbano é configurado conforme as ações dos agentes sociais que nele está inserido, constituindo assim um processo de urbanização, sejam através de expansão urbana ou através de melhorias em infraestrutura. Pois não podemos pensar o espaço isoladamente das dinâmicas que ocorre mediante as ações nele existente.

#### **4. OS AGENTES QUE (RE) PRODUZEM E CONFIGURAM O ESPAÇO URBANO**

Não se pode pensar a cidade sem um conjunto de ações que norteiam a sua reprodução, constituídas pelos agentes concretos que a produzem constantemente, logo, ela, a cidade é obra do homem, que está à vista de todos e é dotada de múltiplas interpretações.

Para Carlos (1990), a cidade é produto das contradições de classe e envolve interesses e necessidades diversas. Assim, o espaço é produzido através das lutas que ocorrem na cidade. Nesse contexto, Corrêa (1995) identifica como agentes sociais envolvidos na produção do espaço urbano: os proprietários fundiários os meios de produção, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

Segundo o mesmo autor, os dois primeiros agentes possuem interesses conflitantes, pois os proprietários dos meios de produção necessitam de terrenos amplos e baratos, não estando interessados na especulação fundiária. Já os proprietários fundiários veem na retenção de terras uma possibilidade de ampliar seus lucros, pois ao criar uma escassez de oferta haverá um aumento de preço.

Com relação à atuação dos promotores imobiliários - conjunto de agentes que realizam, parcial ou totalmente, as seguintes operações: incorporação, financiamento, construção e comercialização do imóvel, o autor afirma que este, ocorre de modo desigual, seus investimentos são voltados principalmente para a construção de imóveis para atender às classes mais favorecidas, criando e reforçando a segregação residencial que caracteriza a cidade capitalista. Por fim, Corrêa conclui que ao produzirem favelas, ocupando terrenos

públicos ou privados, os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço.

Pois não se pode falar nas cidades sem referir-se no seu processo histórico sobre a produção do espaço urbano, afinal a cidade é o produto, da condição e meio para a reprodução das relações sociais (CARLOS, 2004). Sendo assim, ela contém ações passadas, que impossibilitam pensar a cidade dissociada da sociedade e do momento histórico.

Assim pensar a área delimitada para estudo, requer nortear o espaço urbano como sendo resultado das múltiplas ações de diversos atores sociais, os quais ao seu modo produzem-se e (re) produzem o espaço, imprimindo sobre ele suas marcas, sendo levados a agir de acordo com o contexto em que vivem. Segundo Corrêa (2007) considera que o espaço urbano é um instrumento político, um campo de ações, onde há o processo de reprodução de força de trabalho através do consumo, o espaço “é muito mais que isto” (p. 26). Nessa perspectiva a área de estudo é entendida como fruto da produção do espaço pela sociedade.

Desta forma as cidades passam a ser geridas e consumidas como mercadorias, aprofundando a contradição existente entre o valor de uso, que é o lugar de significância afetiva para os seus habitantes e o valor de troca que se resume ao econômico. Esse par dialético, por sua vez, ajuda na produção do urbano, na forma da cidade, e vai crescendo, também, a todo custo sob a ótica do consumismo e da cultura dos lugares, gerando um fosso entre o crescimento econômico e o desenvolvimento social (LEFEBVRE, 2006).

Os agentes sociais são importantes colaboradores na configuração da cidade, sendo que um dos principais interventores é o Estado a partir das estratégias que são adotadas para a organização do espaço urbano, o mesmo segue uma lógica, não são produzidos de forma aleatória.

## **5. O ESTADO E O ESPAÇO URBANO**

O espaço urbano é produzido e reproduzido conforme a diferenciação dos agentes que ocupam o espaço geográfico. Corrêa (2003) confirma que o Estado produz uma segregação atuando principalmente ao lado da classe dominante (elites) para favorecer seus interesses, pois este busca e seleciona as melhores áreas para ser construída em benefício de poucos, enquanto exclui o restante da população que se desloca para áreas inadequadas, ou seja, para morarem em lugares sem uma infraestrutura adequada e muitas vezes colocando a vida e a saúde dos moradores em risco.



Segundo Corrêa (2003) no que se refere ao espaço urbano o desempenho do Estado é espacialmente desigual no sentido de aplicar recursos nos serviços básicos, especialmente aqueles que servem a população, com isso o mesmo é alvo de várias reivindicações promovidas pelos habitantes da área urbana da cidade. Desta forma produz uma segregação de forma direta e indireta, sendo que a ação indireta imposta pelo Estado é decorrente da elevação dos valores da terra em certas áreas da cidade causando a expulsão de alguns grupos sociais que são substituídos por outros grupos com maior renda. A segunda ação que o Estado faz de forma direta é a retirada dos grupos sociais de baixa renda de certas localidades da cidade para a construção de grandes obras públicas realocando os mesmos para área distante do centro ou a mercê da sorte.

No bairro São José o Estado se apresenta como um dos principais interventores na produção e reprodução do lugar em alguns casos buscando, apenas, implementar formas de embelezamento e modernização na paisagem da cidade. Essas formas são fruto de uma ação contínua de valorização e expansão do espaço urbano de São José Operário e representam a presença enraizada do Estado na cidade. São formas que agregam funções e estão subordinadas a um movimento de reprodução da sociedade capitalista. No caso do bairro São José Operário o Estado implantou serviços públicos, iluminação, água, coleta de lixo, e o melhoramento das vias de acesso do bairro entre outros (ver imagem 06).



Foto 07: Avenida Nações Unidas.  
Autor: Crizan Graça, Maio/2013.

Na ..... io na cidade começam assim a criar e/ou lutar por meios que possibilitem o melhoramento do seu viver na cidade. Para tanto, se a princípio o Estado aparece como repressor, em outro momento, os moradores

buscam junto ao Estado, a criação de equipamentos de uso coletivo. Esses momentos são na área de estudo, de evidente e apreensão. Este segundo momento, é hoje vivido pelos moradores que residem em área sem zoneamento, e em condições precárias de áreas de lazer e recorrem a ações que competem ao Estado, mas que infelizmente não, são executadas na área de estudo.

É importante destacar que uma das estratégias que o Estado utiliza, é “divulgar as ações que o mesmo cria ou executa”, como pode ser visto acima na (ver imagem 07). A publicação destas ações indica a força manipuladora do Estado por meio da comunicação, condicionando a vida dos habitantes e se tornando uma poderosa máscara ideológica, podendo alterar o comportamento dos indivíduos, como diz Harvey (2005). Nesse sentido o poder do Estado, faz com que as pessoas acreditem que tudo está sendo feito a partir do bem-estar e qualidade de vida dos habitantes, principalmente porque existe o voto e para a administração política local a um contentamento da população é garantia de sua continuação por mais tempo no poder.

O que se vê no bairro São José Operário, são melhorias na urbanização, como cobertura asfáltica nas ruas, a iluminação pública e a instalação do abastecimento de água em todas as residências o que não dizer que esses serviços sejam de boa qualidade. Enquanto nas questões de área de lazer para a população do bairro observou-se que foram deixadas de lado, pois não se construiu praças e nem parques infantis entre outras áreas, ou seja, a preocupação primordial foi à construção de habitações pelos próprios moradores que sentiram necessidade de morar próximo de seu trabalho na época das fábricas de juta que ali instalaram-se.

## **6. OS REFLEXOS A PARTIR DOS DADOS SOCIOECÔNICOS DOS MORADORES**

Buscando compreender os reflexos sociais a partir dos dados socioeconômicos dos moradores do Bairro São José Operário, segundo o IBGE, (2010), estes dados são de pessoas que possuem de 10 anos ou mais por idade, por classes de rendimento mensal dos moradores do bairro e sua classificação é pelo próprio Bairro São José os indicadores econômicos, (ver gráfico 01) indicam moradores “sem rendimento”, morando no bairro, ou seja, os menos favorecidos, com uma grande porcentagem o que reflete na estrutura física de sua habitação e, por conseguinte nas condições de moradia. Os dados também indicam uma porcentagem pelo domicílio mensal daqueles com renda mensal de até 1/2 e 1 salários mínimos. Também o



indicador do responsável pelo domicílio particular permanente com renda superior a 20 salários mínimos, representando a classe social alta do bairro com apenas 1%.

Continuando nas análises referentes aos dados socioeconômicos percebeu-se que há um processo de segregação socioespacial e exclusão social no São José Operário, pois os dados mostraram o rendimento mensal das pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes são muito baixos. Assim “o espaço urbano apresenta um sentido profundo, pois revela condição, meio e produto da ação humana- pelo uso- ao longo do tempo” (CARLOS, 2007, p.11).

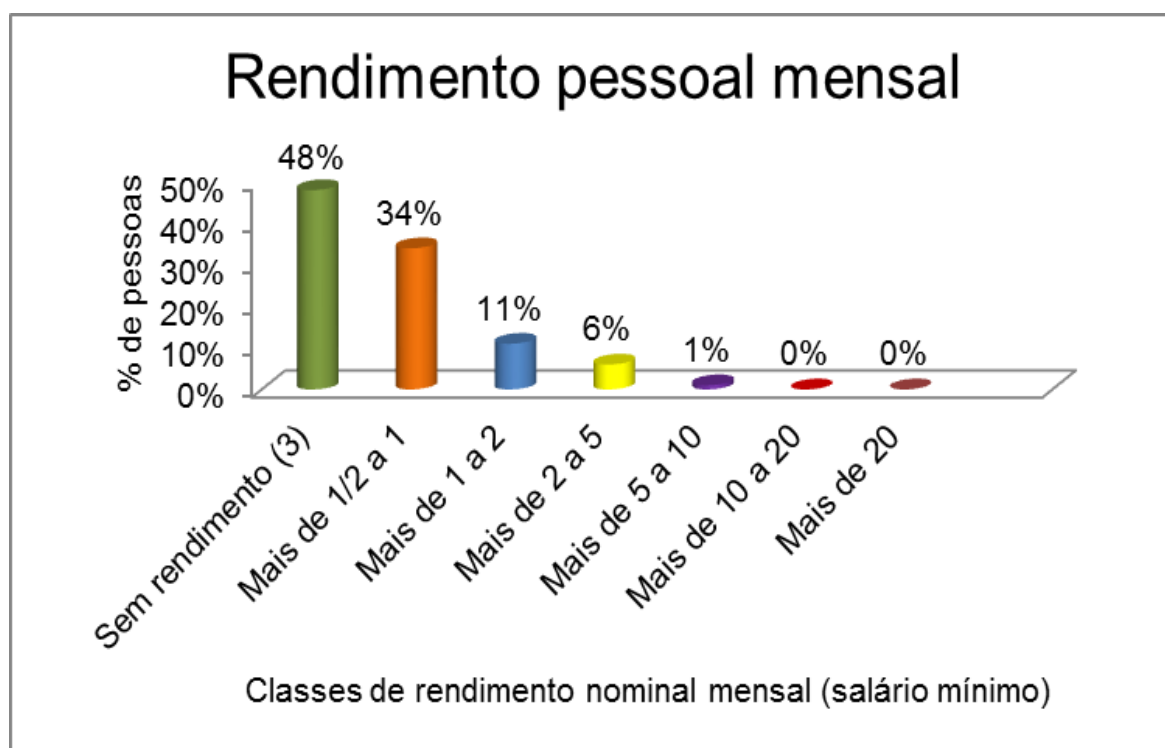


Gráfico 01: Renda Mensal dos Moradores.  
Fonte: Setor censitário do IBGE, 2010.

Os reflexos aqui mencionados estão relacionados principalmente nas edificações que são construídas no espaço urbano do Bairro São José, pois “uma reprodução espacial se realiza através da relação entre o novo e o velho, que se tornam visíveis através do tipo de construções, largura das ruas, uso do solo, fruto de necessidades históricas de um determinado lugar” (CARLOS, 2008, p. 48).

Para Rodrigues (1991) o homem tem necessidade de produzir seu habitar, para dar continuidade a reprodução da vida que se perpetua na reprodução do espaço. Em se tratando da produção das estruturas e formas no bairro São José operário, em Parintins, ficamos induzidos a pensar que as condições financeiras interferem na produção da habitação, uma

vez que o bairro expandiu-se criando novos arranjos espaciais, produzido e reproduzido, uma dinâmica em função do processo de ocupação ilegal de terras que existem na cidade.

As questões de ocupações refletem diretamente no morar das pessoas, na área de estudo, essa constatação é visível, ao se observar que as moradias foram construídas em áreas com pouca ou nenhuma amenidade física nas áreas inundáveis do bairro. Esta constatação demonstra como os indicadores sociais quando apresentados pela média mascaram a realidade, pois se assim fosse adotado, não conseguiríamos localizar no espaço micro essas situações de desigualdade presente neste espaço analisado.

Outro dado importante do IBGE, (2010), foi quanto à educação dos moradores, no intuito de constatar se os mesmos foram alfabetizados e o resultado aponta que a maioria dos membros das famílias foram alfabetizados, mas o nível de escolaridade é baixo. Ressalta-se que a análise da escolaridade deve ser feita com cautela, pois se acredita que a presença de famílias com baixo nível de escolaridade, seja refletido nas condições financeiras, que representam condições sociais adversas dos mesmos.

As transformações que aconteceram no espaço urbano adotam a uma organização espacial que segundo Corrêa (2003), é um conjunto na qual se apresenta simultaneamente de forma articulada e fragmentada, sob os reflexos socioeconômicos que condicionam a nova forma de vida dos moradores da cidade “os sujeitos sociais vivem o tempo e o espaço divididos, parcelados conforme as necessidades da vida social” (SPOSITO, 2007, p. 92). Esse consumo do espaço urbano não se distribui uniformemente entre as diferentes classes sociais. Como em qualquer outro setor, as condições do consumo do ambiente construído são produzidas em diferentes formas.

Nesse processo contraditório de extensão e desenvolvimento das relações sociais de produção capitalistas ocorre o crescimento desmedido das cidades, a concentração exacerbada de população, relações, objetos, processos de troca no plano local da cidade e o adensamento do processo de urbanização. Dessa forma, o espaço urbano, como as cidades, escapa crescentemente à definição de formas mais duráveis - tanto em termos dos objetos que configuram a paisagem urbana, quanto das práticas sociais que constroem o espaço e criam as regulações, como as legislações urbanas e os instrumentos urbanísticos.

Portanto os reflexos mencionados nos remetem a uma breve reflexão a partir do espaço produzido no bairro, possui uma elevada desigualdade observada principalmente nas formas e estruturas das construções, pois o mesmo passa por mudanças constantemente mostrando que o espaço urbano é dinâmico e reflexo das condições de cada agente que à produz e reproduz.

Durante as observações de campo, foi possível identificar um dos condicionantes do bairro a associação de moradores do bairro São José Operário, (AMAJOSÉ) que possui algumas características, peculiar principalmente na organização dos sócios que se encontra presente no bairro, as quais perpassam a sua história, concordando desta forma com a sua criação, pois seu interesse é capacitar os moradores sócios para uma política crítica; organizar em grupos de base para fortalecer e reivindicar melhores para o bairro e mobilizar com intuito de ter reconhecimento, através dos órgãos públicos, para pedir melhorias em torno dos serviços básicos que são bastante significativos para os habitantes do bairro.

Neste sentido, faz-se repensar a cidade que é uma luta constante das classes sociais principalmente a classe pobre, “[...], pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos”, (CORRÊA 2003, p. 9). Mas o que se percebe, é que há uma exclusão das lutas reivindicatórias dos direitos sociais, não somente para os moradores do bairro São José Operário, mas para todos e todas que vivem e trabalham na cidade.

Assim as influências espaciais entre os lugares na cidade são cada vez mais intensas e, fatos estes, nos fazem remeter não somente às distinções da cidade em si, mas até a um conjunto de combinações que podem imbricar escalas regionais, nacionais ou mesmo a totalidade do modo de produção capitalista.

Outro condicionante visualizado foi quanto às construções das habitações que foram encontradas na margem do lago Macurany, “o condicionamento se dá através do papel que as obras fixadas pelo homem, as formas espaciais, desempenham na reprodução das condições de produção e das relações de produção” (CORRÊA, 2003, P.9). Então a partir dos condicionantes mencionados é possível fazer algumas reflexões a respeito do espaço urbano de Parintins, como ponto de partida de nossa reflexão, está suposição de que as políticas sociais no Brasil segue uma lógica universal, são focalizadas, na mudança de renda, por exemplo, não leva normalmente em conta a distribuição desigual dos diversos grupos sociais no espaço urbano. Ocorre às dinâmicas espaciais, no que diz respeito tanto à formulação como às práticas.

As ações do Estado não consideram o papel das organizações dos grupos sociais nas quais estão inseridos os indivíduos, desta forma o estado influencia a formular tais políticas, para que seja influenciado por diferentes agentes sociais que terão sobre eles.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter visualizado as características do espaço urbano no bairro possibilitou a compreensão de que os fragmentos compõem o todo não se dissociando dos mesmos, ao contrário, complementando-o e modelando a espacialidade da ilha tupinambarana. A pesquisa concernente a produção do bairro de S. José Operário nos leva a refletir sobre um conjunto de ações que se apresenta na configuração do urbano de Parintins e, conseqüentemente na reprodução do seu espaço urbano que é configurado conforme as ações dos agentes sociais nele inseridos.

O Estado, grande interventor no urbano, ao produzir uma escola, pavimentar algumas ruas e encaminhar agentes de saúde ao bairro, por exemplo, se apresenta junto aqueles que reproduzem o bairro, mas, da mesma forma, ele se ausenta ao permitir que os grupos sociais excluídos presentes na área de estudo residam em moradias que não oferecem o mínimo em termos de qualidade de vida.

Quanto aos habitantes do lugar, são esses moradores, por meio de suas ações que possibilitam a ele características singulares, dinâmicas similares a outros espaços e principalmente a vida no e do espaço. Vida esta que está para além do construído.

## 8. REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

\_\_\_\_\_. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994; segunda edição 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **Espaço urbano**. 4 ed. Ática: São Paulo. Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Espaço urbano**. ed. Ática: São Paulo. Brasil, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

RODRIGUES, Arlete Moyses; **Moradia nas cidades brasileiras**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1991.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. – 6. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Disponível em: <http://www.ibge.org.com.br/cidadesat/>. Acesso em: 10 Maio 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

KONDER, Leandro, **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2000.